

Para FMI, Brasil não precisa mais de estímulos

Segundo o Fundo, país só crescerá 3% este ano e poderá perder sexta posição no ranking mundial para o Reino Unido

Editoria de Arte

Flávia Barbosa
flavia.barbosa@oglobo.com.br

Correspondente

• WASHINGTON. A economia do Brasil já retomou a trajetória de expansão e está próxima do chamado crescimento potencial (que não gera inflação), tornando desnecessária a adoção de novas medidas de estímulo pelo governo, como cortes de juros. A avaliação foi feita ontem por Thomas Helbling, chefe de Estudos Econômicos Mundiais do Fundo Monetário Internacional (FMI), ao responder uma pergunta sobre o espaço para uma política monetária expansionista diante da persistência da inflação acima do alvo central da meta oficial, que é de 4,5% pelo IPCA.

A nova edição do relatório "Perspectivas para a Economia Mundial", que traz a análise de cenário e as projeções do Fundo, afirma que a expectativa de inflação acima da meta torna "o espaço de manobra para a política (monetária) mais limitado" no Brasil. Ou seja, um exagero na dose de estímulo poderia descontrolar a inflação.

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central anuncia hoje a nova taxa de juros do Brasil. A expectativa é que haja redução de 0,75 ponto percentual, para 9% ao ano, o que pode encerrar o ciclo de queda iniciado em agosto. O FMI prevê que a inflação brasileira de 2012, na média anual, será de 5,2% pelo IPCA. O organismo multilateral aponta trajetória de queda do índice oficial do sistema de metas em 2013, para 5%, ainda assim acima do alvo central.

Para Helbling, porém, comparativamente a outros países e à economia global, a situação brasileira hoje é confortável. Ele disse que os efeitos dos cortes de juros já adotados pelo BC serão suficientes para, combinados à reativação modesta da economia

Os números do relatório

As projeções do Fundo Monetário Internacional

País/bloco/região	2011*	2012	2013
Economia global	3,9%	3,5%	4,1%
PAÍSES RICOS	1,6%	1,4%	2%
 EUA	1,7%	2,1%	2,4%
 Zona do euro	1,4%	-0,3%	0,9%
 Japão	-0,7%	2%	1,7%
PAÍSES EMERGENTES	6,2%	5,7%	6%
 BRASIL	2,7%	3%	4,1%
 Rússia	4,3%	4%	3,9%
 Índia	7,2%	6,9%	7,3%
 China	9,2%	8,2%	8,8%
 África do Sul	3,1%	2,7%	3,4%

FONTE: FMI

*realizado



global, garantir uma expansão significativa do Produto Interno Bruto (PIB, soma de bens e serviços produzidos no país) do Brasil em 2012 e 2013. A projeção do Fundo é que, após crescimento de 2,7% em 2011, a taxa passará a 3% este ano — abaixo do que preveem os analistas brasileiros — e 4,1% no próximo.

— Vocês estão indo bem — disse ele.

China deve manter expansão em torno de 8%

Mas, em 2012, o Brasil poderá perder o recém-conquistado posto de sexta maior economia do mundo para o Reino Unido, do qual roubou a posição no ano passado. O relatório do FMI projeta que o PIB brasileiro em dólares fechará este ano em US\$ 2,449 trilhões, enquanto o

do Reino Unido alcançará US\$ 2,452 trilhões. À frente de ambos os países continuarão, nesta ordem, Estados Unidos, China, Japão, Alemanha e França.

No entanto, esta é uma comparação na qual a flutuação das taxas de câmbio influencia fortemente a conversão. No cálculo em que esta volatilidade é atenuada, por se considerarem os diferentes custos de vida, o Brasil deverá permanecer à frente, na sexta posição do ranking global. Neste caso, em dólares pelo Poder de Paridade de Compra da Moeda (PPP, na sigla em inglês), o PIB brasileiro será de US\$ 2,393 trilhões em 2012, contra US\$ 2,308 trilhões do Reino Unido.

De forma geral, o FMI projeta uma situação mais favorável aos emergentes, que vão crescer menos, mas ainda em ritmo for-

te e mais elevado do que o dos países ricos. Isso se deve à consolidação das políticas econômicas dos últimos anos, às relativamente baixas taxas de desemprego, a um declínio controlado dos preços das commodities e a melhores condições dos sistemas financeiros. A projeção é que as nações em desenvolvimento e emergentes terão expansão de 5,7% este ano, 0,2 ponto acima da previsão de janeiro, subindo a 6% em 2013.

A China, segundo o FMI, mantém indicadores de forte crescimento em investimento e consumo, o que levará a segunda maior economia do mundo a uma expansão de 8,2% este ano e 8,8% em 2013. Os riscos são exportações mais fracas e a volatilidade dos preços das commodities e dos fluxos de capitais. ■